

ALADI/CR/Ata 752
(Extraordinária e Solene)
3 de novembro de 2000

ATA DA 752ª SESSÃO DO
COMITÊ DE REPRESENTANTES

Ordem do dia

O Comitê de Representantes recebe a visita do Excelentíssimo Senhor
Presidente da República do Chile, Ricardo Lagos Escobar

Preside:

JOSÉ MARÍA CASAL

Assistem: Carlos Onis Vigil, Jorge Alberto Ruiz, Ricardo Harstein, Gustavo Vivacqua, Rubén Ruffi e Marcelo Fabián Lucco (Argentina), Willy Vargas Vacaflor e María Elena García de Baccino (Bolívia), José Artur Denot Medeiros e Paulo Roberto Ribeiro Guimarães (Brasil), Héctor Casanueva Ojeda, Alfonso Silva Navarro, Flavio Tasseti Quezada, Axel Cabrera e María Antonieta Jara (Chile), Arturo Sarabia Better e Fabio Emel Pedraza (Colômbia), Miguel Martínez e Fidel Ortega Pérez (Cuba), Julio Prado Espinosa e Carlos Santos Repetto (Equador), José Luis Solís González, Julio Lampell Adler, Arturo Juárez Juárez e Juan Antonio Nevárez (México), José María Casal, Rubén Lezcano Ramírez e Gloria Irma Amarilla (Paraguai), Carlos Higuera Ramos e Carlos Vallejo Martell (Peru), Elbio Roselli, José Roberto Muineló e Ana Teresa Ayala (Uruguai), Nancy Unda e Magdalena Simone (Venezuela), Joaquín María de Arístegui y Petit (Espanha), Luis Ramón Ortiz Ramirez (Honduras), José Duarte Sequeira e Serpa (Portugal), Vasile Macovei (Romênia), Andrey G. Kudelin (Rússia), Martín F. Stabile (BID). Arnaldo Chibbaro (IICA) e Roberto Casañas (OEA).

Secretário-Geral: Juan Francisco Rojas Penso.

Secretários-Gerais Adjuntos: Leonardo F. Mejía e Gustavo Adolfo Moreno.

Comitiva Oficial: María Soledad Alvear Valenzuela, Ministra das Relações Exteriores; Carlos Klammer Borgono, Embaixador do Chile no Uruguai; José de Gregorio, Ministro de Economia; Carlos Cantero, Senador; Jorge Pizarro, Senador; Alberto Chaigneau, Ministro da Corte Suprema; Francisco Huenchimilla, Deputado; Juan Pablo Letelier, Deputado; Carlos Jarpa, Deputado; Carlos Vilches, Deputado; Eduardo Araya, Embaixador, Diretor de Protocolo; Patricio Pozo, Embaixador, Diretor para a América do Sul; Walter Riesco, Presidente da Confederação da Produção e do Comércio; Felipe Cubillos, Presidente da Federação de Agroindustriais ; Jorge Guerrero, Presidente da Câmara Uruguaio-Chilena de Comércio; Mario Agliati, Vice-Presidente da Câmara Nacional de Comércio; Eugenio León, Presidente da Confederação Agrária, e Elcira Monreal, Presidenta da Associação de Funcionários da Universidade de Santiago.

Convidado especial: Didier Operti, Ministro das Relações Exteriores da República Oriental do Uruguai.

PRESIDENTE. Está aberta a 752ª Sessão, extraordinária e solene, para receber o Excelentíssimo Senhor Presidente da República do Chile, Ricardo Lagos Escobar.

Senhor Presidente da República do Chile, Ricardo Lagos, Senhora Ministra das Relações Exteriores do Chile, Senhor Ministro das Relações Exteriores da República Oriental do Uruguai, Senhores Ministros, Senhores Embaixadores, Senhores Observadores de Países e Organismos Internacionais, Senhor Secretário-Geral, senhoras e senhores, é para mim muito grato, em nome do Comitê de Representantes da ALADI, que me honro em presidir, dar a Vossa Excelência as mais cordiais boas-vindas a esta Casa, para onde confluem os ideais e as realidades do processo de integração regional e, em ocasiões, por que não dizê-lo, a frustração de não poder alcançar metas mais ambiciosas que ajudem a elevar o nível de desenvolvimento econômico de nossos países no âmbito de uma maior equidade social.

Senhor Presidente, a visita de Vossa Excelência se produz poucos meses depois da Décima Primeira Reunião do Conselho de Ministros da Associação, em comemoração dos vinte anos da firma do Tratado de Montevideu 1980. Nessa reunião, a Senhora Chanceler de seu país, Soledad Alvear, da mesma forma como outros Ministros dos países-membros, destacou os avanços da ALADI em matéria comercial durante estas duas décadas e ressaltou de maneira inequívoca o papel que nossa Instituição deve desempenhar no contexto do processo de integração.

O Conselho de Ministros, com a contribuição de todos seus membros, especialmente da Chanceler de seu país, enfatizou a necessidade de ampliar a agenda da ALADI, incorporando os novos temas, decorrentes do processo de globalização da economia internacional e impulsionando uma participação mais ativa dos diferentes atores da sociedade civil.

Como parte desta agenda, e entre outros temas da mesma importância, merecem ser destacados a ampliação e o fortalecimento da integração física da região, como complemento indispensável do desenvolvimento e do aprofundamento do processo integrador. Somos conscientes dos esforços que Vossa Excelência, pessoalmente, tem feito nesta área, como Ministro de Obras Públicas e, agora, como Chefe de Estado, notadamente na recente Reunião de Cúpula de Brasília, onde o tema adquiriu grande relevância. Queremos manifestar-lhe que este tema será motivo de renovado impulso, nos próximos anos, em nossas atividades comunitárias.

De modo diferente ao acontecido no passado, o processo de integração se desenrola hoje em um clima de regionalismo aberto, onde as ações integradoras são parte da estratégia de nossos Governos, voltada a melhorar a inserção dos países da região na economia mundial, dando maior força ao conceito de interdependência, como forma de atenuar as desigualdades do sistema.

Nesse sentido, o Chile tem sido pioneiro na busca de vias de negociação e de concertação, que o levou a formalizar uma ampla rede de acordos comerciais com todos os membros da ALADI e com outros países das Américas, negociando, ao mesmo tempo, acordos com países de fora da região.

A maioria dos países-membros vem transitando agora por essas vias, e hoje temos uma ampla gama de acordos de livre comércio entre pares e grupos de países, bem como dois esquemas sub-regionais de integração: a Comunidade Andina e o MERCOSUL, que estão a exibir a força integradora da América Latina.

De modo análogo, as negociações que visam instituir a ALCA, bem como as realizadas com a União Européia e com outros blocos econômicos, constituem enorme desafio para todos os Governos da região e para a criatividade e coerência dos negociadores.

Senhor Presidente, assim como nos anos 80 assistimos à denominada “década perdida” da América Latina, nos anos 90 estamos presenciando o renascimento democrático da região, que, a despeito de suas imperfeições e limitações, permitiu-nos superar e acabar com conflitos seculares que nos separavam, que faziam com que vivêssemos de costas uns para os outros e que, em definitivo, tolhiam nossa integração.

Este renascer democrático vem estimulando o relacionamento entre nossos países, vem abrindo caminhos de participação, outrora inexistentes, para amplos setores de nossas sociedades e, mais importante ainda, vem propiciando uma nova visão para e desde a América Latina. Vossa Excelência, em seu país, tem sido um dos atores principais na luta pela democracia e pela liberdade, e agora, desde a Presidência da República, tem visto aumentar sua responsabilidade na preservação dessa democracia e dessa liberdade em toda a região.

Por outro lado, cresceram a consciência pública sobre as decisões políticas e seus efeitos sobre o bem-estar econômico da população, modificando condutas nos cidadãos, que acarretaram profundas mudanças no tradicional mapa político de muitos países latino-americanos e que constituem uma advertência para as novas gerações dirigentes. Neste sentido, a democracia se alicerça sobre dois pilares essenciais: a mais ampla participação dos povos e a satisfação de suas necessidades elementares.

Neste quadro de referência que me permiti descrever sucintamente se insere todo o acionar da ALADI e, por conseguinte, do Comitê de Representantes, que hoje o recebe com imensa satisfação. Em nossos trabalhos diários assumimos o compromisso de fazer com que a agenda da Associação seja coerente com o acionar de todos os países que a integram, que todos vejam nela refletidos seus interesses e expectativas e, fundamentalmente, que a integração seja um instrumento eficiente para elevar o nível de desenvolvimento econômico e social da região, garantindo crescimento com equidade.

Permita-me, Senhor Presidente, citar o prestigioso escritor Mario Benedetti, desta querida terra uruguaia, que dizia: "América Latina es una federación de identidades; ojalá que, cuanto más matizados, más unidos y, cuanto más unidos, más fuertes y creadores. El promisorio futuro de nuestra América no reside en su falta de homogeneidad sino en la real y aceptada cercanía de sus heterogeneidades."

Podemos, portanto, afirmar que a fortaleza de nossa identidade reside na riqueza de nossa diversidade.

Desejaria finalizar lembrando um homem desta Casa, o Embaixador Raymundo Barros, quem, além de suas virtudes intelectuais e profissionais, deixou-nos o melhor do homem chileno e latino-americano. Muito obrigado.

- Aplausos.

Ofereço a palavra ao Senhor Secretário-Geral.

SECRETÁRIO-GERAL. Obrigado, Senhor Presidente. Excelentíssimo Senhor Presidente da República do Chile, Excelentíssima Senhora Ministra das Relações Exteriores e Membros da Comitiva Oficial, Excelentíssimo Senhor Ministro das Relações Exteriores da República Oriental do Uruguai, Senhor Presidente e demais membros do Comitê de Representantes, Senhores Representantes dos Países e Organismos Observadores, distinto Corpo Diplomático, Senhores Secretários-Gerais Adjuntos e demais funcionários da Secretaria, Convidados Especiais, senhoras e senhores, nossa Casa, mais do que engalanar-se, orgulha-se ao receber hoje Vossa Excelência, não somente por ser Primeiro Magistrado de um dos países-membros da Associação, mas pela admiração e pelo respeito que, em silêncio, sentimos por sua pessoa desde o primeiro instante em que o conhecemos, mais do que por sua extraordinária trajetória profissional, por sua incansável, conseqüente e inquebrantável luta pela recuperação da via democrática em seu país.

A visita de Vossa Excelência se produz em um ano muito especial para nós. Em coincidência com o fim do milênio, estamos comemorando o Vigésimo Aniversário da firma do Tratado de Montevideu 1980, nossa Carta Magna, e pareceria estarmos atingindo um ponto de inflexão para o desenvolvimento de nosso processo de integração.

Na realidade, depois de sobrelevar o lastro da crise financeira itinerante que abalou o sistema econômico internacional e que atingiu seu ponto culminante em janeiro de 1999, nossa região começou a dar sinais de recuperação que, no contexto integrador, evidenciam-se através do incremento do intercâmbio comercial entre os países-membros e da evolução do investimento estrangeiro direto na maioria dos países.

De maneira adicional, dois acontecimentos políticos vêm marcando o futuro da integração. Por um lado, a Reunião de Cúpula de Presidentes e Chefes de Estado da América do Sul, em Brasília, e, por outro, a Décima Primeira Reunião do Conselho de Ministros, órgão supremo da ALADI, das quais emanaram diretrizes que haverão de auxiliar a Associação na aquisição de um novo perfil.

A elaboração desse perfil deverá basear-se em dois elementos essenciais para o processo de integração: as negociações entre os países da Comunidade Andina e os do MERCOSUL e as deste bloco sub-regional com o México e, simultaneamente, o debate aberto no Comitê de Representantes em torno “à evolução do processo de integração na ALADI”. Da conjunção de ambos surgirão as medidas para tornar atual e vigoroso o papel da Associação na década por vir, como principal centro institucional da integração da América Latina.

Como resultado destas ações surgirá, então, um espaço econômico ampliado, com características muito peculiares, que o afastarão, em boa parte, da concepção tradicional da integração econômica e o aproximarão dessa pátria sonhada por nossos precursores. Tudo indica que esse espaço ampliado, embora sustentado em uma ampla liberalização do intercâmbio de bens e de serviços, incorporará, certamente, outros elementos de importância transcendente para a integração de nossas sociedades, que permitirão garantir seu inter-relacionamento geográfico, ampliar sua participação na tomada de decisões e firmar os valores culturais que as unem e que sempre as unirão.

Amparados, pois, pelo manto do pluralismo, essência da democracia e fundamento da cooperação política entre os países-membros da ALADI, o espaço latino-americano haverá de ser a resposta regional aos grandes desafios representados na internacionalização dos processos de produção e de distribuição, na sobrevalorização das tecnologias em detrimento dos recursos naturais, na volatilidade dos movimentos financeiros, na diminuição da capacidade dos Estados para executarem suas políticas econômicas e sociais e na amplidão das negociações enfrentadas de maneira simultânea pelos países. Somente unidos poderemos dar cabal e adequada resposta a esses desafios e garantir o mais prezado de nossos legados: nossa própria identidade.

Senhor Presidente, nesse sentido é que são feitos os trabalhos a que estamos dedicados. Seu país tem sido mais do que protagonista; tem sido precursor na construção da atual ordem no campo da integração regional. Desde seu retorno à democracia, e com base em uma política sustentada e conseqüente, voltada a alcançar uma efetiva e eficiente inserção no mundo, o Chile tem concluído o maior número de acordos de livre comércio ao amparo do Tratado de Montevideu 1980, incorporando outros elementos, o que lhe facilitou a transição para novos mecanismos de cooperação, com resultados insuspeitados, logo aplicados, e que atualmente se constituem em modelo para os acordos em processo de negociação. O mesmo é o sentido das recentes negociações para ampliar seu relacionamento com o MERCOSUL.

Senhor Presidente, como terá podido apreciar, estamos vivendo um momento crucial para o porvir da ALADI. O grande desafio é adequá-la à nova economia e, ao mesmo tempo, contribuir para a criação do espaço econômico regional. Perante esse desafio, a participação do Chile, que adquiriu conotações muito especiais, incidirá diretamente sobre o devir, já próximo. Confiamos plenamente em sua liderança

política para que seu país contribua a que a unidade de nossa América Latina seja uma realidade. Obrigado.

- Aplausos.

EXCELENTÍSSIMO SENHOR PRESIDENTE DA REPÚBLICA DO CHILE (Ricardo Lagos Escobar). Senhor Presidente do Comitê de Representantes, Senhores Representantes Permanentes, Senhor Secretário-Geral, Senhores Secretários-Gerais Adjuntos, Senhores Representantes Alternos, Senhores Embaixadores e Representantes dos Países Observadores, senhoras e senhores, agradeço, em primeiro lugar, Senhor Presidente, Senhor Secretário-Geral, suas palavras, que realmente são uma expressão de afeto para com um país que tem sido ativo participante destes diversos esforços em prol de uma maior integração na região.

Como Presidente do Chile, principalmente –diria- como latino-americano, assisto com satisfação e com orgulho a este encontro nesta “Casa da Integração”, mormente agora que, como lembraram os senhores, comemoram-se vinte anos da firma do Tratado de Montevideu 1980, base da instituição que criamos em nossa região.

A instituição para poder avançar no âmbito da integração.

As raízes da integração.

Aqui, perante os senhores, vêm a minha memória nomes ilustres de nossa América: Prebisch, Furtado, Herrera, Magariños, Sunkel e tantos outros que, com seus esforços na busca da integração em um contexto complexo, em um mundo polarizado e com sérias dificuldades para encontrar um espaço para os países de menor desenvolvimento, construíram os alicerces que hoje seguram a integração, sem nenhuma dúvida.

Nossa realidade, certamente, hoje é muito diferente da realidade daqueles anos. A luta de nossos povos consagrou em nossa América Latina a democracia como forma de organização política. Os cidadãos exigem de nós, os políticos, total transparência, aperfeiçoar as instituições, assentar o estado de direito, respeitar os direitos humanos e garantir a igualdade de oportunidades. A cláusula democrática é na atualidade parte de todo esquema de cooperação regional e requisito essencial para legitimar a participação nos diversos pactos regionais.

A economia internacional mudou de maneira substancial, desde os blocos comerciais do após-guerra, naquelas primeiras concepções de Prebisch, consideradas utópicas por esses realistas que nunca faltaram, acreditando sempre que o que virá será um pouco mais da mesma coisa.

As oportunidades para nossos países na economia internacional, atualmente, são enormes, porém, também seus desafios; aumentaram, igualmente, os perigos; como costuma ocorrer em nossa vida cotidiana, há oportunidades que não sabemos aproveitar, há perigos.

A estratégia do Chile.

No Chile, como aqui foi lembrado, temos posto em prática uma estratégia de vinculação econômica crescente com todo o mundo, alicerçada no princípio do regionalismo aberto.

Logicamente que nossas relações com o mundo são desde a região, à qual pertencemos; buscamos integrar-nos ao mundo, fortalecendo-nos com nossos vizinhos e parceiros regionais para conseguir um melhor posicionamento de nossos países em um contexto complexo e profundamente competitivo.

O Chile, como os senhores sabem, tem um balanço, um comércio exterior sumamente equilibrado em regiões, o que nos obriga, então, a realizar esforços no campo da complementaridade e do livre comércio entre todos; mas, para participar no mundo de hoje é mister também certo posicionamento político, e o posicionamento político se pratica a partir da região à qual cada país pertence. E nós queremos nos posicionar a partir daqui, da América Latina.

É por isso que nossos laços intra-regionais são tão fortes, o que se evidencia em matéria econômico-comercial, como dizia o Senhor Secretário-Geral, nos numerosos acordos assinados pelo Chile, ao amparo, justamente, da ALADI.

Desta forma, somos conseqüentes com nossa história e projetamos para o futuro uma tradição que vem de muitos anos. O Chile foi impulsor e signatário do Tratado de Montevideu em 1960. Frei Montalva, em 1965, e outros líderes da integração lutaram por seu fortalecimento.

Desde aquele momento, logicamente, muito tem ocorrido, muitos sonhos ainda estão pendentes, mas também muito temos feito. Nossas nações têm suportado graves crises políticas, sérios problemas financeiros e de mercados, bem como repercussões econômicas provenientes de problemas na Ásia ou na Europa do Leste.

Podemos constatar que os graus de integração que hoje temos são ainda insuficientes. Ela tem sido, no entanto, uma base para superar essas dificuldades e para comprovar a razão de nossas aspirações de uma maior integração, no sentido que, como vimos defendendo com muita força, compreenda todos os aspectos de nossa vida como nações, fortaleça nossa posição face às crises externas e potencialize nossa competitividade e nossa capacidade negociadora no foro mundial.

A ALADI tem possibilitado avanços muito importantes em matéria de liberalização do comércio regional e a ela se deve o surgimento de esquemas de integração, ora em etapa de consolidação, como o MERCOSUL e a Comunidade Andina.

Foi dado cumprimento, com satisfação, a uma etapa; os fluxos comerciais da região tiveram um crescimento sem precedentes na década de 90 e nossa participação como região no fluxo comercial e de investimentos mundiais aumentou também de forma apreciável. A integração física, a coordenação das políticas e a concertação em diferentes temas são uma constante no dia-a-dia da integração.

Temos um déficit de integração.

Contudo, como os senhores sabem, devemos caminhar mais rápido; ainda temos um “déficit em matéria de integração”, pois o comércio é uma condição indispensável, mas não suficiente, para gerar espaços integrados. É mister continuar avançando com força na liberalização dos intercâmbios, na coordenação macroeconômica, na harmonização e na convergência.

E aqui há um elemento que consideramos essencial: se queremos continuar avançando, devemos ser capazes de avançar na criação de uma instituição para resolver nossos conflitos. Também, certamente, julgamos fundamental complementar estes esforços com a dimensão política, social e cultural, que nos conduza a uma cooperação regional, tendo como objetivo o fortalecimento do conjunto. Por este motivo estamos convencidos da necessidade de buscar novos caminhos de articulação para concretizar um espaço comum.

Necessitamos também nos inserir com vigor em esquemas mais amplos; em um ou em outro momento enfrentaremos o tema da ALCA e aí devemos trabalhar, dentro do possível, de forma unida. Conseguiremos um equilibrado e equitativo relacionamento com outras regiões do mundo desenvolvido somente se o fizermos desde aqui, falando todos juntos.

Necessitamos uma maior integração com a economia internacional e promover o fortalecimento dos órgãos multilaterais, mas desde nossa própria integração e nosso próprio fortalecimento, nossos próprios órgãos multilaterais, aqui na região. E aqui é, então, onde nos parece fundamental enfatizar o papel da ALADI.

Papel da ALADI.

A ALADI defronta-se com um desafio: definir seu papel, seu espaço e sua instituição na construção da nova arquitetura da integração regional do Século XXI.

Não se trata de um trabalho fácil. Será necessário que os Governos tenhamos suficientemente claras e firmes as metas que nos propusemos como região, que definamos com mais exatidão como queremos relacionar-nos entre nós para nos fortalecer e tomar as decisões políticas com consistência e poder dar, assim, a nossa Associação o perfil, a missão e os instrumentos adequados.

Na verdade, felizmente contamos com um bom ponto de partida: o Tratado de Montevideu 1980. Mais de cem acordos comerciais em vigor entre nós e programas de trabalho que propendem ao fortalecimento dos países de menor desenvolvimento. A ALADI deve ser uma resposta às lacunas que ainda existem na instituição comercial hemisférica.

Necessitamos uma ALADI que aborde os novos temas da agenda do comércio internacional, que se discuta aqui que papel único desempenharemos quando falarmos de compras de governo, quando falarmos de serviços, quando falarmos de investimentos... de políticas de concorrência. Que se aborde aqui o que avançamos na Reunião de Brasília: uma visão comum sobre temas laborais e ambientais; com outras palavras, onde tenhamos uma instituição para falar sobre estes temas, e desculpem se acrescento que me parece que são igualmente preponderantes.

Todo processo de integração é complexo, é difícil. Liberalizar significa afetar determinados setores de nossa economia. Quando no Chile liberalizamos, tínhamos 160.000 trabalhadores no setor têxtil e diminuimos para 30.000. O processo de

adaptação desses 130.000 ex-trabalhadores é muito difícil e, por conseguinte, este é um processo que deve ser feito com prudência, porém com decisão. Quando o fazemos, muitas vezes temos problemas com nossos vizinhos. Nós os tivemos, e por isso o digo. Eu preferiria que primeiro discutíssemos aqui as dificuldades e não diretamente na OMC.

Qual seria nossa percepção do mundo si víssemos um país europeu discutindo com outro país europeu, na OMC, por tarifas, por salvaguardas ou por outros assunto similares? Logicamente, se não tivermos aqui uma instituição para discutir esses temas, vamos discuti-los lá, em um foro multilateral.

Eu quero que primeiro os discutamos aqui, entre nós; não quero que a região discuta nossos problemas nos foros multilaterais. Esse é o primeiro princípio de nossa instituição e acredito que isso nos dá um grande trabalho, mas quando não temos nada, então vamos até o único foro que temos a nossa disposição. Porque aí há uma instituição, todos sabemos, porque temos a experiência do que significa recorrer a esse foro. Por isso me parece que devemos tratar muito mais este tema; tratar também o tema dos elevados níveis de obrigações e disciplinas juridicamente protegidas que devemos ter entre nós e que devem estar além das normas da OMC, antes de chegar à OMC.

Queremos normas que garantam processos transparentes não discriminatórios; queremos mecanismos eficazes e expeditos de solução de controvérsias, que nos ajudem a solucionar os problemas comerciais, inevitáveis, como digo, em toda experiência de incremento significativo no intercâmbio comercial.

Não há incremento de intercâmbio comercial sem setores que se beneficiem mais do que os outros, e essa é nossa realidade. Julgo muito importante ter uma instância de diálogo entre nós, como governantes de nossos povos. Se não a temos, quer dizer que não estamos dando cumprimento ao que dizemos permanentemente nestes foro e, aí sim, deveremos ir até outros foros onde existem, mas não são da região. Isto me parece muito importante.

Da mesma forma, esta nova ALADI, além de ser o foro para a integração regional, poderia transformar-se em um apoio decisivo para fazer frente aos desafios com que se defrontam nossos países nas negociações multilaterais na OMC e nas negociações hemisféricas que em determinado momento se apresentarão para a criação da ALCA.

Todos nossos países têm a experiência de estar na OMC, da precariedade, apesar da qualidade de nossos negociadores em termos de recursos humanos, financeiros. Na OMC, os países europeus falam pela Europa, discutem seus problemas entre eles e é muito diferente quando a Europa fala. Esse é um tema central. Todos nossos países têm sido levados a mais de um painel da OMC e tiveram que defender-se sem ajuda de outros. Não se trata de que a América Latina assuma nossos problemas e nos defenda. Às vezes temos a colaboração de nossos colegas, mas penso que este é um papel essencial da ALADI.

Aqui podemos coordenar trabalhos a respeito do que temos pela frente. Esta é uma tarefa muito urgente. Na OMC está havendo negociações agrícolas, de serviços; estão pensando realizar ainda este ano, ou no próximo, provavelmente, uma nova rodada negociadora. Portanto, temos que ver aqui se somos capazes de buscar uma oportunidade na qual possamos ter, pelo menos, uma primeira tentativa

de obter consenso sobre determinadas políticas na rodada de negociações que vamos ter na OMC, não obstante as que já temos, mas é um tema complexo, difícil, e minha opinião é, então, que devemos ter certa capacidade de interação. Eu diria que, com esse objetivo, devemos utilizar mais as instituições que temos, e esta é a instituição por excelência.

O Chile apóia este processo.

O Chile, seu Governo, seus empresários, seus trabalhadores, seus intelectuais, profissionais... estão disponíveis para avançar na execução destes trabalhos.

Estamos comprometidos com a integração, a despeito das conjunturais ou naturais vicissitudes que estes processos sempre acarretam. Estamos convencidos da necessidade de fortalecer esta instituição antes de que as crises nos levem a saltar de uma conjuntura para outra.

Nosso propósito é apontar para o conjunto daquelas capacidades e experiências que temos podido desenvolver nestes anos, mas queremos também nos beneficiar da experiência de cada um dos senhores nesta tarefa difícil de nos adentrar em um mundo cada dia mais global, mais competitivo, onde, porém, cada vez são os blocos os que tendem a entender-se uns com os outros, e o nosso bloco parece mais difuso no horizonte. Entendemos nossas relações com os países em um clima de mútuo respeito e recíproco benefício, equilibrado, leal e franco.

Passado e futuro.

Prezados amigos, comecei estas palavras lembrando aqueles que plantaram as raízes de nossa integração. Desejaria terminar lembrando que os cidadãos são os que devem cuidar desta árvore vigorosa e colher seus frutos. A integração está cheia de futuro... Porque este processo deve ser realizado com e para as pessoas. Os avanços e as novas situações devem ser suficientemente explicados, devidamente informados, permanentemente contrastados com a opinião pública; a opinião pública deve ser capaz de ver que estas instituições estão naturalmente relacionadas com suas próprias demandas. Porque, para que a integração dê aquilo que deve dar, seus atores devem ser cidadãos, desde os diferentes ambientes em que atuam, seja como empresários, trabalhadores, professores, políticos ou governantes.

Desejaria, por conseguinte, dizer-lhes que vim a esta Casa com a convicção de que se fazemos bom uso da Instituição que temos, como comentava antes desta reunião, perante cada problema pensemos que instituição criamos, tenhamos imaginação na hora de viver as novas realidades que temos para poder, em torno desta mesa, definir melhor a instituição que necessitamos para avançar com passo firme em um mundo difícil.

Somos conscientes de que a recente crise do mundo asiático, o tremendo crescimento que tiveram os Estados Unidos da América, as debilidades do euro, o incremento nos preços de certos produtos básicos, como foi o caso do petróleo, são elementos que estão a afetar cada um de nossos países. Contudo, perante isto, que é a realidade do mundo de hoje, devemos tentar buscar uma consolidação de nossas economias, porque sempre teremos estes desafios. Supor que estas crises são passageiras é, talvez, não entender que em um mundo globalizado, o que acontece em um lugar afeta outro lugar e, portanto, devemos aprender a ter um processo de

integração entre nossas economias para assim superar melhor as mudanças de uma economia global, que sempre será um mar mais tempestuoso ou mais sereno, mas devemos aprender a construir um navio da integração suficientemente poderoso, grande, de grande calado, que nos permita, no mar proceloso, transitar com ritmo mais seguro. Acredito que podemos fazer isso aqui, nesta Casa da Integração. Muito obrigado.

Aplausos.
